

# A atualidade de Guimarães Rosa

*No momento em que o Brasil mergulha nas raízes, buscando passar a limpo seus valores, uma obra que realça o mais profundo do ser brasileiro é valorizada e ganha maior importância. Daí a surpreendente popularidade do autor de Grande Sertão: Veredas*

## Isabel Cristina Mauad

**C**ostuma-se dizer que ele é um autor difícil. Aliás, muito difícil, com a sua lapidação de palavras, seus neologismos, suas esculpidas construções de frases. No entanto, é, atualmente, um dos mais lidos autores brasileiros contemporâneos – não só no Brasil como no exterior, com seus livros traduzidos para mais de 15 línguas (entre elas, alemão, russo, tcheco e húngaro). Pela ótica de estudiosos, não poderia deixar de ser. Afinal, João Guimarães Rosa (1908-1967) é da mesma estirpe dos grandes criadores da linguagem literária extremamente elaborada do século XX, como James Joyce, e tem um público certo em qualquer parte do mundo. Mas não só.

Outras visões costumam, paradoxalmente, enfatizar sua linguagem dentro de uma imensa categoria: a “de apelo popular”. Ou seja, sua criação de palavras, seu estilo e sua mensagem se-

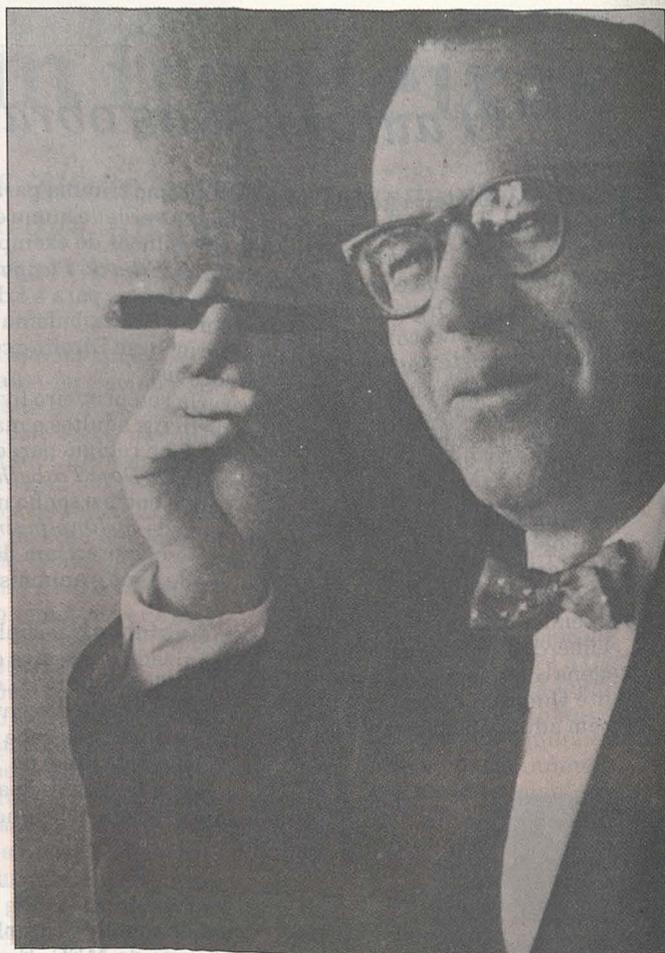
riam reconhecidos pelas mais comuns das criaturas, e não só pelo meio acadêmico ou erudito. Na obra rosiana se refletiriam e se reconheceriam o homem do interior, o sertanejo e até mesmo as crianças – bastando reparar, no vocabulário infantil, as sucessivas e fantásticas invenções.

Uma terceira postura crítica aponta em sua linguagem uma mescla de elementos populares e eruditos, que caminham “par e passo” em sua obra. Portanto, pertencente ao racional-técnico e ao encantatório-mágico, duas vertentes em uma mesma escrita, como não poderia explodir e repercutir a literatura rosiana?

Os últimos anos vêm somando inúmeras republicações de suas obras, e no Brasil a editora Nova Aguilar veio coroa-la em 1994. A edição da ficção completa de Guimarães Rosa, em dois volumes, é certamente neste ano um dos lançamentos mais aplaudidos no meio literário. No bojo de uma série de pro-

duetos com a marca rosiana, a Nova Aguilar destacou, no prefácio de Eduardo Coutinho, professor de Literatura Comparada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tudo o que vem sendo sucessivamente ventilado a respeito:

“(…) apesar da complexidade de sua obra, resultante em grande parte da verdadeira revolução que empreendeu da linguagem ficcional, o sucesso de Guimarães Rosa não se restringe ao contexto intelectual. Prova-o bem a grande quantidade de edições que se sucedem de seus livros e o número expressivo de traduções que povoam cada vez mais o mercado internacional. Prova-o também a série de leituras que ela vem recebendo por parte do teatro (*Sarapalha*, por exemplo), e da mídia cinematográfica e televisiva (longas-metragens como *A Hora e Vez de Augusto Matraga*, *Duelo*, *Noites do Sertão*, *Cabaré Mineiro* e *A Terceira Margem do Rio*, entre outros, e a série televisiva *Grande Sertão: Veredas*).



Autor de quatro livros sobre Guimarães Rosa — entre eles, dois publicados nos Estados Unidos, referentes às suas teses de mestrado e doutorado —, Eduardo Coutinho, também orientador de vários trabalhos acadêmicos sobre o escritor, é partidário da visão mista sobre a obra rosiana. Ou seja, indicando elementos populares e eruditos na linguagem do autor e dele afastando qualquer tipo de rótulo, Coutinho acredita, antes de tudo, que a literatura de Guimarães Rosa não se esgota. Pelo contrário, multiplica-se em novas descobertas e interpretações. Uma de suas alunas, Monique Balbuena, publicou em setembro passado, pela Imago, um livro sobre Guimarães Rosa e Edgar Allan Poe: *Poe e Rosa à Luz da Cabala*. Outro aluno escreveu sobre Osman Lins e Guimarães Rosa. E, acredita ele, muitos ainda terão inúmeras outras visões, já que a literatura rosiana é inesgotável, e ainda está por ser revelada através da crítica genética, ou seja, a que busca a gênese do texto através de comparações de diversas edições, dos originais e também das correspondências dos autores.

É assim que há sempre os que pedem mais. E querem mais. E torcem por mais obras rosianas à disposição do público. Entre eles, o doutor em Letras Paulo Roberto Dias Pereira, professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal Fluminense (UFF), responsável pela bibliografia do autor na edição da Nova Aguilar:

“É necessária, agora, a edição da obra completa, ou seja, o conjunto também de outros três tipos de textos rosianos: a poesia, isto é, o livro *Magma*, até hoje inédito, e com o qual o autor ganhou prêmio da Academia Brasileira de Letras em 1936; seus discursos e prefácios; e sua correspondência, importantíssima para se conhecer o perfil humano e intelectual do autor. De extrema utilidade para a crítica genética, a correspondência de Guimarães Rosa ainda está para ser reunida e publicada. Até hoje, uma das raras editadas foi a correspondência com seu tradutor italiano. É preciso se conhecer o processo de criação literária, até para se pensar numa futura edição crítica de sua obra completa”, salienta Paulo Pereira, lembrando ainda o que chama de “ciclo de aprendizado do autor”: os contos que publicou de 1929 a 1930 na revista *O Cruzeiro*.

## As dedicatórias e sobretudo a correspondência com amigos e editores ajudam a conhecer melhor o processo de criação literária do escritor

O maior colecionador de literatura brasileira, Plínio Doyle, tem grande importância na trajetória de Rosa. Deve-se a ele a primeira bibliografia segura da sua obra, a primeira “de” e “sobre” o autor, com 1.200 verbetes publicados no livro *Em Memória de João Guimarães Rosa*, de 1968, da José Olympio. Nos arquivos de Doyle, na Fundação Casa de Rui Barbosa, as pastas guardam cartas inéditas de Rosa, que foi seu amigo de longos anos. Muitas dessas cartas são dirigidas a Daniel Pereira, então diretor da José Olympio. Como o autor falava de sua própria linguagem?

Com exclusivi-

dade, *cadernos do terceiro mundo* revela comentários de Rosa a Daniel sobre sua linguagem. Em carta a *Daniel*, *caríssimo*, de 12 de agosto de 1964, por exemplo, diz: “Não deixe de mandar dizer ao nosso grande revisor paulista (não consigo decifrar o nome dele, a assinatura é Abílio?) que continuo devotando-lhe muito grata e cordial admiração. O que houve, o que há, é que as novelas do nosso *Corpo de Baile* são mesmo ‘duras de roer’. É uma linguagem tão danada, tão crespa e trançada, que eu mesmo quase não aguento ajudar na revisão delas. Tive de fazer a leitura duas vezes, uma delas (a segunda) com a ajuda de revisores aqui do Serviço de Publicações do Itamaraty. Tomei muita

J. GUIMARÃES ROSA

## SAGARANA

TERCEIRA EDIÇÃO, REVISTA

Meu caro Francisco Salbino:  
 Leia com rigor e acurácia com afeto,  
 ou, por outra — releia com afeto e  
 comete seu rigor — este “Seg.”,  
 livro “obediência de meçada”; peso.  
 Tudo verdadeiramente, orgulhoso  
 junto com ele vai a você o abraço  
 e a admiração  
 do  
 Amimorés  
 Rio, 1954.

1951

Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora  
 Rua do Ouvidor, 110 — Rio \* Rua dos Gusmões, 104 — S. PAULO



O filme 'Noites do sertão', de Carlos A. P. Correia é uma adaptação de 'Buriti', de Guimarães Rosa. Nele, Milton Nascimento é o chefe Zequiel

cafi aspirina, sofri e suei, praguejei contra o autor, queixei-me do destino... Está você vendo? A edição portuguesa do *Manuelzão e Miguilin* saiu inçada de erros, ao passo que a do *Sagarana* eles tinham conseguido fazer sem erro algum, quase. Assim, conservemos a estima e o louvor ao nosso revisor, que continuo achando notável. Obrigado a vocês todos. Lembranças e o forte abraço do seu Guimarães Rosa."

Em tom jocoso certamente, vociferando contra si próprio e sua "linguagem tão danada, tão crespa e trançada", Guimarães já fora ainda mais longe em suas cartas a Daniel Pereira. É de 26 de abril de 1955, por exemplo – data em que troca o *J. sem graça* pela assinatura de João Guimarães Rosa –, uma detalhada exposição sobre *Corpo de Baile*. Agradecendo a Daniel a notícia sobre a quarta edição de *Sagarana*, explana em seguida:

"Sobre umas coisinhas do *Corpo de Baile*, estive conversando com o José Olympio, que achou útil eu resumisse tudo no papel e enviasse a você. É o que estou fazendo, com o maior prazer.

Como você já terá notado, o livro é engraçado, meio diferente, quanto à natureza e estrutura. São estórias, em vá-

rias delas tornando a aparecer alguns dos personagens. Além disso, nesse 'complexo de novelas', algumas, penso eu, são verdadeiros romances, pelo tratamento técnico e pelo exagero das di-

mensões. Foi a razão que, à última hora, me permitiu optar pela divisão em dois volumes – coisa que num livro normal de novelas poderia destoar, mas que, no caso, fica bem justificada.

Naturalmente, por causa da unidade, a numeração das páginas terá de ser corrida, uma só – de 1 a 642, ou o que dê, quando impressas. Isto é importante, você não acha?

As peculiaridades do livro justificam também, a meu ver, a existência dos três índices: um no começo do primeiro volume. Dois no fim do segundo volume. Não se trata, você verá, de uma esquisitice gratuita, mas de uma indicação, de mais um meio de revelação, para o leitor.

*Assunto importante* é o da grafia. Posso dizer a você que recopiei e revi cuidadosamente o catatau, muitas vezes, e, salvo uma outra omissãozinha que me tenha escapado, tudo ali é expresso, propositado, intencional. Assim, pedirei especialmente a você que recomende aos linotipistas e compositores a absoluta e estrita fidelidade ao texto. Que nada mudem, nada corrijam, nada tentem uniformizar. Nem mesmo quanto à ortografia – onde cultivo algumas pequenas rebeldias (por exemplo, o

**"Um escritor que  
desafia estudos,  
pesquisas, análises.  
O inesgotável  
renovador.  
A cordilheira  
Guimarães Rosa"**

Otto Lara Resende

ú final acentuado, os finais em *ôa* etc.; poucas rebeldias, aliás). Também não queiram eles uniformizar a maneira de escrever os nomes próprios das personagens. Não mudar, não emendar nada, enfim. Severas instruções nesse sentido eu muito agradeceria a você; e pouparemos tempo e trabalho, na revisão.

Numa das novelas, a *Cara de Bronze*, ocorreram notas-de-pé-de-página, requerendo cuidado especial na composição e o emprego de um tipo menor; mas isso, creio, não oferece dificuldades maiores.

Também, nas duas páginas de epígrafes, que abrem o primeiro volume, talvez seja interessante variar de tipo.

E – você viu? –: preferi usar o *João Guimarães Rosa* por inteiro, em lugar daquele *J.* sem graça.

E, meu caro Daniel, acho que é tudo. Tudo, mais a minha gratidão, por sua magnífica ajuda. Dentro de maio, espero levar ao José Olympio o *Sagarana*, um pouquinho revisto, para a nossa ‘edição definitiva’.

Agora o forte abraço, grato, amigo, do Guimarães Rosa.”

**Preciosidades** – Muitos outros documentos preciosos há nos arquivos de Doyle, nos quais o escritor-embaixador quase sempre escreve nos papéis timbrados da Secretaria de Estado das Relações Exteriores. Em alguns deles, faz homenagens aos amigos. A Doyle, dois meses antes de morrer, em novembro de 1967, enviou seu “vasto e permanente abraço”.

Sobre Gilberto Freyre, sem datar, teceu inúmeros elogios, chamando-o de mestre. Ao próprio Daniel Pereira chamou de “amigo dos autores, protetor das musas”. Também as dedicatórias dirigidas a amigos têm destaque à parte nos arquivos de Doyle. Uma delas, da terceira edição de *Sagarana*, de 1951, era para Fernando Sabino, a quem pedia: “Leia com rigor e comente com afeto, ou, por outra – releia com

*O autor adiou por quatro anos sua posse na Academia Brasileira de Letras, temendo uma profecia de que morreria após uma solenidade. Morreu um mês depois da posse, em 1967*

afeto e comente sem rigor – este ‘Sag.’, livro ‘cheio de maçada’.”

Raridades maiores ainda, contudo, há na memória de Doyle. Lembra ele, por exemplo, que Guimarães Rosa não publicou *Tutaméia*, pois este foi um título dado por Paulo Rónai ao livro que, em vida, o autor intitulou *Terceiras Estórias*. Conta Doyle que ninguém enten-

dia a razão de Guimarães Rosa ter escrito *Primeiras Estórias* e, em seguida, ter passado para *Terceiras Estórias*. E as segundas?, perguntavam.

“Um dia eu mesmo perguntei ao Daniel Pereira. E ele me respondeu que o Rosa havia lhe explicado durante meia hora e que ele não entendera nada. Uma vez, num almoço festivo, em que eu e minha mulher estávamos, alguém lhe perguntou diretamente. E ele, saiu-se com esta explicação, que é uma jóia: ‘O Plínio Doyle, que vocês conhecem, tem mania de papel. Ele me pediu os originais das *Segundas Estórias* para ler, e até hoje não me devolveu.’ Todos riram, e evidentemente não acreditaram. Mas ele deu uma explicação”, ri Doyle, lamentando a não-existência das *Segundas Estórias*.

Aliás, é sempre com a expressão alegre que Doyle recorda o amigo, que “era simples, gostava muito de conversar, e mostrava-se sempre muito alegre e bem-disposto nos almoços do José Olympio”. O mesmo amigo que acompanhou três ensaios de sua filha Sônia Doyle interpretando, durante curso na PUC, uma peça sobre o conto russo *A Volta do Marido Próspero*: “Os ensaios eram na Maison de France. Ele gostava muito e, na platéia, fazia comentários. No dia da estréia, porém, não quis ir porque, dizia, ia ter muita gente e disto ele não gostava”.

Su 29. IB. 67

Ao querido PLÍNIO DOYLE,

com o vasto e permanente

abraço

do

Guimarães Rosa.

Foto: Luiz Alves



Na obra de Guimarães Rosa, o sertanejo se reflete e se reconhece

conta Doyle, revelando, assim, outra faceta do escritor.

Um lado por vezes diferente, por vezes engraçado. Como daquela vez em que, ao comprar uma tradução de um dos livros de Rosa, Doyle levou-o para ser autografado. Ao que o amigo logo retrucou: "Proibo-o de comprar tradução. Estes editores estrangeiros são *f-d-p*: só mandam dois exemplares. Então, um é meu e o outro, seu. O meu, eu perco, e você guarda."

É assim que, hoje, tudo que lembra o amigo recebe os aplausos de Doyle. Não só a edição da ficção completa, como também os dez títulos sucessivamente reeditados pela Nova Fronteira, e que estão com novas capas do artista plástico Carlito Carvalhosa – entre eles, *Grande Sertão: Veredas*, *Sagarana* e *Primeiras Estórias*.

Não é em vão que, entre as pérolas dos arquivos de Doyle, também estão guardados recortes de jornais com artigos de outros amigos, como o do mineiro Otto Lara Resende sobre Guimarães Rosa. Em comemoração aos 80 anos de nascimento de Rosa, em 27 de junho de 1988 (Rosa morreu apenas com 59 anos de idade), Otto escrevia:

"(...) *Sagarana* – 1946. A grande revelação. A civilizada voz sertaneja, fulminante, chama a atenção geral. Dez anos mais tarde, *Corpo de Baile*, dois volumes, e *Grande Sertão: Veredas*. Com a controvérsia, o impacto da novidade, veio logo o reconhecimento – o escritor que desafia estudos, pesquisas, análises. No Brasil e fora do Brasil. O inesgotável renovador. A cordilheira João Guimarães Rosa.

"Simples coincidência. Rosa nasceu no ano em que morreu Machado de Assis – 1908. Foram contemporâneos três meses – de 27 de junho a 29 de setembro, quando morreu o antigo menino



Joaquim Maria. Um, clássico, fixou a língua brasileira, na melhor tradição portuguesa. O ficcionista urbano.

um momento político de crença na sua própria história, no sentido de passar a limpo todos os seus valores". "Neste contexto, João Guimarães Rosa aparece como aquele artista que vai o mais fundo possível na 'psique' do brasileiro. Aquele que mergulha naquilo que poderíamos chamar de consciência nacional, simbolizada por estas figuras simples do sertão brasileiro, que parecem ser depositárias dos mais representativos valores da nacionalidade – assinala. ■

## A história do autor

**J**oão Guimarães Rosa, mineiro de Cordisburgo, era ficcionista e diplomata. Formou-se médico em 1930, clinicou por dois anos em Itaúnas, interior de Minas Gerais e, em 1932, alistou-se como médico voluntário contra o Movimento Constitucionalista, ingressando meses depois na Força Pública do Estado de Minas Gerais. Sua carreira diplomática começou em 1934, quando prestou concurso para o Itamaraty. Em 1936, foi premiado pela Academia Brasileira de Letras (ABL) pela coletânea de versos *Magma*. Dez anos depois, publicou o livro de contos *Sagarana*, sua primeira obra. Depois de servir na embaixada de Paris, voltou ao Brasil em 1951 e foi nomeado chefe de gabinete do ministro das Relações Exteriores, João Neves Fontoura. Em 1956, publicou *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: Veredas*, esta considerada sua obra máxima. Dois anos mais tarde, foi promovido a diplomata. Em 1963, foi eleito por unanimidade para a ABL; depois de adiar a posse por quatro anos, finalmente assumiu a vaga em 16 de novembro de 1967. Um mês depois, morreu vítima de um enfarte. Entre suas obras estão *Primeiras Estórias* (1962), *Tutaméia (Terceiras Estórias)* (1967), e *Ave Palavra* (1970, póstuma).